

# Avaliação do interesse dos brasileiros pelo Turismo Arqueológico (TA)\*

Adriana Meinking Guimarães\*\*

GUIMARÃES, A.M. Avaliação do interesse dos brasileiros pelo Turismo Arqueológico (TA). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 201-206, 2011.

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados do questionário “Turismo e Arqueologia no Brasil”, cujo objetivo era entender como os brasileiros percebem o patrimônio arqueológico do país e seu interesse em conhecer mais sobre o assunto, inclusive através do turismo. Os resultados sugerem atração pela arqueologia e indicam que o interesse pelo turismo arqueológico é similar em viagens nacionais ou internacionais, mesmo sem saber ao certo o que existe no Brasil.

**Palavras-chave:** Arqueologia – Patrimônio Arqueológico – Turismo Arqueológico.

## Introdução

O Brasil possui um rico patrimônio arqueológico, com sítios variados e uma imensa quantidade de vestígios em museus. Porém, a falta de construções monumentais e o paradigma da pouca antiguidade da ocupação justificariam a baixa visibilidade desses bens por aqui. Lógico que isso interfere no quão conhecido e apreciado é esse patrimônio, mas essa argumentação não é totalmente convincente. Na mesma direção, o turismo ignora a atração que os sítios arqueológicos brasileiros podem exercer vide os poucos exemplos existentes. Contudo, o fato é que dados no Brasil são praticamente inexistentes, como diz Cury (2006: 34):

“Em síntese, não sabemos o que os brasileiros pensam sobre arqueologia. O que sabemos (ou temos como hipóteses) é que os brasileiros recebem informações superficiais e desconexas ou descontextualizadas; às vezes preconceituosas, importadas e, outras vezes, fantasiosas.”

Assim, realizou-se uma pesquisa, com as seguintes hipóteses: (a) os brasileiros se interessam por arqueologia; (b) possuem informações sobre arqueologia brasileira; e (c) há interesse em conhecer o patrimônio arqueológico brasileiro. O objetivo era *entender como os brasileiros percebem o patrimônio arqueológico do país e o interesse destes em conhecer mais sobre o assunto, inclusive através do turismo.*

A pesquisa “Turismo e Arqueologia no Brasil” foi elaborada com 29 questões: abertas, fechadas, semi-abertas, encadeadas e de escalas de interesses. Após pré-teste e ajuste, a pesquisa foi iniciada em 09/2009. Foram recebidas 219 respostas após 6 meses hospedada no site SurveyMonkey.com. A divulgação foi por *e-mail* e sites de relacionamentos (amigos e comunidades relacionadas), com uma apresentação e o link.

(\*) Turismo Arqueológico e Arqueoturismo são aqui entendidos como sinônimos, podendo ser utilizados um em substituição ao outro.

(\*\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Doutoranda em Arqueologia. <amg@usp.br>

## Questões, respostas e análises

Mais de 60% da amostra era do sexo feminino, possuía idade entre 21 e 40 anos, provenientes de diversas cidades/estados (BA, SP, RJ, AM, GO, DF, ES, PR, PA, PE, RS, SC e CE), escolaridade bastante elevada – a maioria com pós-especialização e 39% com graduação e profissões variadas. As faixas de renda (individual mensal) foram mensuradas com base nos salários médios no país: 27% ganhavam acima de R\$ 5.000,00.

Perguntados se já ouviram falar em arqueologia/pré-história, somente 2 disseram “não”, sem causar surpresa tendo em vista a amostra. Com relação à pergunta “Onde ouviu falar sobre arqueologia/pré-história – escola, jornal/revista, livros, programas de TV, filmes/documentários, internet?”, as opções eram múltiplas e todas foram bastante indicadas (em média por 80% cada). A internet foi a menos citada (69%). Embora a diferença não seja expressiva, mostra que é necessário aproveitar melhor esse veículo de divulgação. Outras respostas foram: conversa com amigos/família, museus, turismo, viagens ou passeios; e nove pessoas trabalham com arqueologia, patrimônio cultural ou tiveram contato nas suas áreas de formação.

A questão “para você, o que é arqueologia?” era aberta e obrigatória:

- 70,3% - o estudo de: 40% - artefatos/ vestígios/documentos/objetos antigos; 32% culturas antigas/civilizações do passado; 11% do passado; 4% - da história; 4% - da pré-história; e 3% - fósseis. Entre outras, como: “estudo da história da Terra, do desenvolvimento da sociedade”
- 21% - ciência que estuda: 59% - civilizações ou sociedades antigas/culturas do passado; e 24% coisas antigas, vestígios do passado, o passado.
- Outras definições: busca por, informação sobre, conhecimento sobre, disciplina etc.

Analisando as respostas, percebe-se que a maioria das pessoas tem uma noção, ainda que em muitos casos vaga, do que seja arqueologia. No entanto, poucas sabem com exatidão o que ela é.

A questão “o que lhe ocorre à mente quando se fala em arqueologia ou patrimônio arqueológico?” recebeu respostas variadas: 13% - escavações/trabalho dos arqueólogos; 9%

pinturas/gravuras rupestres; 6% ruínas/cidades antigas; 9% - fósseis; 9% - culturas/civilizações passadas; 8% - sítios/locais onde viveram pessoas no passado; 6% Incas/Maias/Astecas/Grécia/Egito/Roma; 6% - História; e 4% - Indiana Jones! Outras (menos de 4%): pirâmides, múmias, museus, dinossauros, sambaquis e índios antes do descobrimento. Portanto, Indiana Jones e locais monumentais não foram as primeiras lembranças para a maior parte das pessoas, mesmo quando elas precisam fazer associações imediatas.

Quando perguntadas sobre “o que há no Brasil em termos de patrimônio arqueológico?” e/ou para “citar locais brasileiros onde existe patrimônio arqueológico”, 41% indicaram locais, a maioria de maneira genérica, apenas nomeando estados (p. ex. MG, BA, GO); 11% lembraram da Serra da Capivara (PI) ou de pinturas no Piauí; 12% citaram peças ou sítios, alguns apontando a existência de sambaquis e pinturas rupestres e a maioria apenas afirmando que eles existem por todo país; e 25% disseram não saber ou saber muito pouco. Este último número é bastante expressivo.

“A ciência arqueológica no Brasil é: mais, menos ou tão desenvolvida que no resto do mundo?”. A ideia dessa questão veio da leitura do artigo de Cury (2006). Ninguém falou “mais desenvolvida”; 21% “não sabiam” responder; 58% disseram “menos desenvolvida”; e 21% “tão desenvolvida quanto”. Muitos comentaram a pergunta (90 pessoas): 30% reclamando da falta de investimentos públicos (“O Brasil não se importa muito com isso, acho”); 17% da pouca divulgação (“Não vemos tantos comentários sobre as descobertas arqueológicas no Brasil em jornais e documentários”); e outros desabafavam (“Provavelmente menos desenvolvida, mas não sei dizer. Não tem espaço algum na mídia”).

“Você já viu algum tipo de patrimônio arqueológico?”, 86% “já viram” contra 14% que “nunca viram”. Daqueles, quase todos informaram de que tipo eles eram: 17% fósseis, mas não ficou claro a que tipo se referiam; 10% “fósseis de peixe”; 15% pinturas/gravuras/ inscrições rupestres; 11% ruínas/construções antigas, quase todos no exterior; 11% líticos; 10% objetos em museus (quase sempre no exterior: Louvre, Cairo e de História Natural, em Nova York); 10% esculturas; 9% múmias/tumbas/artefatos, em geral no exterior; e 7% sambaquis. Outras coisas apareceram com menos

freqüência, como balas de canhão, naufrágios, muros/paredes, Terra Preta e caveiras. Além de árvores, folhas, cavernas e igrejas, em número bem reduzido. Embora não tenha sido oferecida a opção “exposição”, uma pessoa disse ter visto a exposição sobre Charles Darwin e outra a “Dinos na Oca”, ambas em SP, mas lá estavam expostos materiais paleontológicos.<sup>1</sup>

Para a pergunta **“onde viu esse material?”**, 88% dos entrevistados viram “no Brasil” e 44%, “no exterior” (respostas múltiplas). Alguns, somente no exterior, nos países EUA, Itália, Inglaterra, França, México, Peru, Argentina e Portugal. No Brasil: SP, RJ, BA e MG. Para complementar, perguntou-se **“onde viu esse material?”** com novas alternativas: 87% em museus; 53% em unidades de conservação; 13% na casa de alguém; e 12% em propriedade particular. 40 especificaram outros: escolas/faculdades (6), áreas públicas (6), exposições (5) e escavações (5) e duas pessoas disseram ter visto “à venda”.

Sobre a **“importância dos materiais arqueológicos”**, 72% afirmaram que são “muito importantes” e 21% “importantes”. Poucos (7%) disseram que eles tinham apenas “alguma importância” e somente 0,5% “nenhuma importância”

**“O patrimônio arqueológico precisa ser preservado para as futuras gerações?”** Quase todos concordaram “plenamente” e 4%, “parcialmente”. E 31% comentaram: *“Se não sabemos por onde passamos como vamos saber por onde vamos?!”*. Os que tinham ressalvas justificavam: *“Nem todo material dá para ser preservado, o melhor é que seja estudado e depois feita uma seleção dos mais representativos”*.

Em relação à **“preservação desses materiais”** “em museus” ou “nos próprios sítios arqueológicos” não houve preferência por nenhuma das situações. Porém, muitos explicaram que a decisão deve considerar o risco, o custo de manutenção e a própria necessidade da retirada do material do local. Foram feitas ressalvas em relação aos museus *“Em museus, se perto do local. No museu de NY, me pareceu que eles saquearam o mundo, privaram os*

*povos da origem de conhecer sua história”*) e ressaltada a necessidade de acessibilidade onde quer que estejam *“Onde o povo tiver acesso”*. Alguns defenderam: *“Nos próprios sítios arqueológicos, transformando os locais em visita pública, fomentando a atividade turística e contribuindo para o desenvolvimento da economia local”*

Quanto à **“disposição a pagar para ajudar a preservar o patrimônio arqueológico”**, 81% responderam que “pagariam” e 19%, “não pagariam”. Cerca de 40% comentaram a resposta, alguns justificando que esse papel cabe ao governo *“Espero já estar contribuindo com os devido impostos que pago”*) e muitos explicando que, embora dispostos a ajudar, isso se daria por experiências *“Apenas contribuiria se fosse em troca de informação, divertimento, lazer, cultura, etc. para mim e para meus filhos”*). Para complementar, perguntou-se **“como e quanto estariam dispostos a pagar”** em situações distintas: com entradas em museus, para visitar sítios arqueológicos e doando mensalmente para instituições. Os valores sugeridos: (a) até R\$ 1, (b) de R\$ 1 a 5, (c) de R\$ 5 a 10, (d) de R\$ 10 a 15 ou (e) mais do que R\$ 15. Em geral, valores elevados seriam pagos: cerca de 60% pagariam (c) ou (d) para visitar museus e quase 90%, (c), (d) ou (e) para visitar sítios. Observando a porcentagem mais elevada para cada uma das situações, percebe-se que se pagaria mais caro para visitar sítios (30% alternativa d) do que museus (35% alternativa c). Mas os dados mais surpreendentes foram relativos à disponibilidade em ajudar instituições voltadas à preservação do patrimônio, com valores proporcionais (20% cada) entre as faixas (c), (d) e (e).

**“Estiveram em algum museu de arqueologia?”** Houve equilíbrio entre quem “já esteve” (56%) e quem “não esteve” (44%). Dentre os museus mais citados estavam os Museus de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e da Federal da Bahia, no Brasil, e o do Louvre e os de História Natural de Nova York e de Londres, no exterior. Muitos, porém, ficaram em dúvida se os museus que visitaram eram de arqueologia ou se havia uma parte dedicada a ela.

**“Conhecem ou já ouviram falar do museu de arqueologia da sua cidade?”**, 37% “conheciam”, 38% “não conheciam” e 29% “não sabiam se existia um museu desse tipo na sua cidade”. Considerando que grande parcela da amostra morava em São Paulo, Salvador e Porto

(1) Destaca-se que a pesquisa ocorreu há dois anos e hoje há uma telenovela com temática paleontológica. Portanto, a confusão entre arqueologia e paleontologia talvez não ocorresse mais.

Alegre, onde existem instituições importantes, esses dados são alarmantes.

Também se perguntou **“Você já esteve em algum sítio arqueológico?”** Das respostas, 44% “já estiveram” e 48% “não estiveram”. Apenas 7% disseram “não saber reconhecer um sítio arqueológico” 92 entrevistados complementaram a resposta, sendo que 50% visitaram sítios no exterior e suas respostas eram mais precisas, dando inclusive o nome do sítio (p. ex. Stonehenge, Pirâmides de Teotihuacán, Templo de Karnak, Termas Imperiais em Trier etc.). No caso das visitas no Brasil (39%), poucos indicavam a cidade e mal citavam os estados onde eles ficavam. Poucos os nomearam. Isso mostra a falta de acessibilidade dos sítios brasileiros (tanto no sentido de serem conhecidos, quanto de estarem preparados para receber visitantes), indicando que é preciso investir muito mais na interpretação desse patrimônio para o público visitante. Embora tenham ido a sítios, nem ao menos os seus nomes as pessoas conseguem guardar. Ou seja, foi desperdiçada uma grande oportunidade de aproximação sentimental com o patrimônio.

**“Você teria interesse em viajar para um lugar por causa do patrimônio arqueológico?”** 86% responderam “sim” e 14%, “não”. Muitos disseram os locais ou sítios que gostariam de ver,

como as ruínas Maias, o Egito, pinturas rupestres, Machu Picchu ou falaram de suas viagens e na vontade de ver outros locais.

**“Como poderia ser essa viagem?”** O objetivo era entender se a monumentalidade influencia na decisão. Os resultados são apresentados nas Tabelas X e Y. Ainda pensando numa possível viagem, as pessoas foram convidadas **“a avaliar o que gostariam de ver”**. Diversas opções de situações ou produtos turísticos que poderiam ser experimentados foram oferecidas, conforme a Tabela Z.

Por fim, abriu-se para **“ideias ou sugestões para o uso e/ou aproveitamento turístico desse patrimônio no Brasil”**. Dos 134 comentários, 45% se referiam à divulgação, tanto na mídia (*“Creio que com mais publicidade, as pessoas saberiam mais sobre o tema e se interessariam em conhecer nosso patrimônio”*), quanto nas escolas (*“Os arqueólogos devem fazer mais palestras em escolas. É de lá que os ‘futuros curiosos’ sairão”*). Outros sugeriam atividades ou salientavam a necessidade de organização em relação ao TA (*“Visitação in loco/comunitários capacitados/ cartilhas informativas”, “Fabricação de cartões postais e brinquedos infantis referente ao tema”, “Insistir diante das autoridades a respeito do significado e valor do turismo dirigido ao conhecimento do passado”*).

Tabela X

Nível de interesse em realizar viagens arqueoturísticas no Brasil			
	Nenhum	Algum	Muito
Especificamente para conhecer/visitar o patrimônio arqueológico do local	6%	47%	47%
Como complemento de outra viagem	0,5%	29%	70,5%

Tabela Y

Nível de interesse em realizar viagens arqueoturísticas no exterior			
	Nenhum	Algum	Muito
Especificamente para conhecer/visitar o patrimônio arqueológico do local	5%	42%	53%
Como complemento de outra viagem	1%	25%	74%

Tabela Z

## O que as pessoas gostariam de ver em viagens arqueoturísticas

	Nenhum	Algum	Muito
Arqueólogos trabalhando	6%	51%	43%
Palestras	22%	56%	22%
Ruínas antigas interpretadas	0%	15%	85%
Um sítio arqueológico musealizado	3%	23%	74%
Museu	2%	34%	64%
Exposição	1%	40%	59%
Folders/cartazes que contassem a história do local	6%	49%	45%
Apresentações guiadas por pessoas da localidade	2%	34%	64%
Encenações/teatro	26%	46%	28%
Ir a restaurantes temáticos	21%	37%	41%

## Considerações finais

As respostas corroboraram as hipóteses levantadas, mas fica claro que as informações sobre arqueologia brasileira ainda são escassas e limitadas, mesmo para quem possui nível sociocultural elevado. Os dados confirmam que essa ciência necessita de um esforço de divulgação que deve acontecer das formas mais variadas possíveis. É necessário aproximar a sociedade desse patrimônio e, para isso, a informação deve sair das prateleiras das bibliotecas especializadas e invadir o espaço social. Sugere-se quebrar o preconceito e colocar a arqueologia em programas populares na TV, em exposições em locais públicos como metrô e *shoppings*. Isso pode fazer com que quem nunca tenha pensado no assunto se veja frente a ele, despertando curiosidade e sentimentos de aproximação.

Desmistifica-se a ideia de que locais sem monumentalidade não são atraentes para o TA. Os dados mostram que a visitação informal a sítios

arqueológicos no Brasil já está acontecendo. O quanto antes planejarmos e estruturarmos esses locais, melhor será a qualidade dessas visitas e as chances de sustentabilidade. Caso contrário, os efeitos podem ser bastante negativos. A organização do TA no Brasil seria bem aceita pelo mercado turístico nacional e poderia ajudar na difusão do conhecimento arqueológico existente no país, bem como na preservação dos sítios e vestígios, devido à disponibilidade que as pessoas mostram em pagar para acessar produtos turísticos de qualidade. Destaca-se que inserir produtos de TA em outros tipos de roteiros também seria bem aceito pelo público brasileiro.

Embora de alcance limitado, os dados servem de alerta sobre a relação do público com o patrimônio. Espera-se ter contribuído para que um novo olhar – por parte de todos – seja lançado ao nosso imenso patrimônio arqueológico, acreditando que a aproximação da sociedade desse bem é, se não o único meio, o mais eficaz para a sua proteção.

GUIMARÃES, A.M. Interest evaluation in Archaeological Tourism (AT) among Brazilians. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 201-206, 2011.

**Abstract:** This article presents the results of the questionnaire ‘Tourism and Archaeology in Brazil’, which aim was to understand how Brazilians perceive the archaeological heritage of the country and their interest in learning more about the subject, including learning through tourism. The results suggest attraction for archaeology and indicate that the archaeological interest in tourism is similar in national or international travels, even without knowing for sure what exists in Brazil.

**Keywords:** Archaeology – Archaeological heritage – Archaeological Tourism.

#### Referência bibliográfica

- CURY, M.X.  
2006 Para saber o que o público pensa sobre arqueologia... *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo, 1: 31-48.